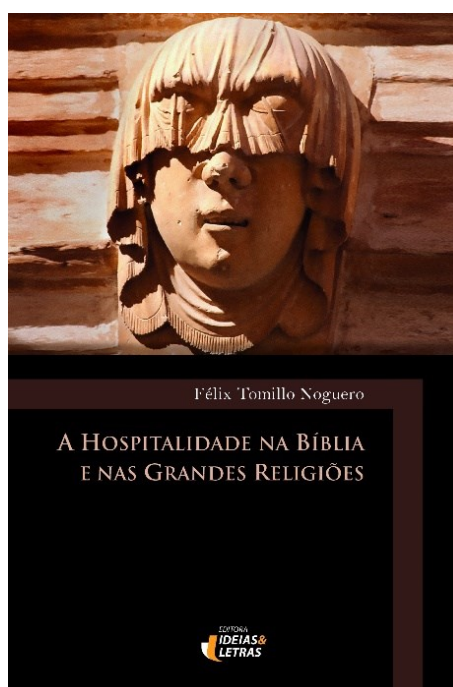


RESENHA

A HOSPITALIDADE NA BÍBLIA E NAS GRANDES RELIGIÕES¹

Nathália Paschoalique dos Santos²



¹ TOMILLO NOGUERO, Félix. **A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões**. Trad. Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

² Mestranda do curso de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. E-mail: paschoalique.nathalia@usp.br

O autor e pesquisador espanhol Félix Tomillo Noguero (1943 a 2014), era Graduado em Direito e Doutor em *Bussiness and Management* na Inglaterra. Foi fundador, diretor e proprietário da *Escuela Superior de Turismo de Valladolid* (Espanha, 1967 - 2004), instituição pioneira na formação de mais de 3 mil profissionais para o setor do turismo espanhol. Em 2002 a *Escuela* se fundiu à *Universidad Europea Miguel de Cervantes*. Foi também cofundador das *Escuelas Superiores de Turismo* em Oviedo, Burgos, Segóvia e Almeria (Espanha) e coordenador do Projeto de Doutorado Internacional em Turismo da *Universidad Anáhuac Norte* no México³. Trata-se de uma referência nos estudos sobre o Turismo e a Hospitalidade na Espanha e foi colaborador na elaboração da primeira *Ley de Turismo de Castilla y León*.

Em parceria com o Prof. Dr. Alexandre Panosso Netto, livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), tradutor da obra resenhada, o professor Tomillo Noguero tinha como missão a investigação dos campos epistemológicos do turismo, porém veio a falecer durante a realização deste projeto.

O livro originalmente foi escrito como material para uma conferência feita pelo professor Tomillo Noguero no *XXIX Congreso Nacional de Escuelas de Turismo*, em 1993. Este material ficou por 26 anos catalogado como uma apostila na biblioteca da *Escuela Superior de Turismo de Valladolid*. Os originais do livro foram "redescobertos" em 2010 pelo prof. Panosso Netto que se encarregou da sua publicação após o falecimento do autor em 2014. O texto original foi publicado tal qual como foi escrito em 1993, mas sofreu modificações estruturais e o acréscimo de 94 notas de rodapé pelo tradutor. As notas buscam explicar lacunas deixadas pelo autor ou acrescentam informações que podem ser desconhecidas dos leitores menos familiarizados com o tema.

A Obra *A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões* está dividida em duas partes. A primeira, "As Grandes Religiões", contém quatro capítulos e a segunda "A

³ A vida e obra do autor apresentadas, tem como fonte as informações presentes no livro e os sites: www.hospitalidad.info e www.escueladanzavalladolid.es

Bíblia", dois. Na primeira parte o autor discorre sobre a relação entre anfitrião, hóspede, estrangeiro e inimigo, presentes nas religiões antigas e através destas caracterizações discute o conceito de hospitalidade advindo de crenças e atitudes dos povos. Na segunda parte, o autor inicia sua jornada na Bíblia, analisando o Antigo e o Novo Testamento, pontuando e caracterizando a lei da hospitalidade e as relações de poder entre anfitrião (podendo destacar Deus como um deles) e hóspedes (os homens).

O livro conta com o prefácio do professor Luis Octavio de Lima Camargo⁴ que questiona: “[...] teria sido a religião a criadora da noção de hospitalidade ou, ao contrário, foi a necessidade de conter a hostilidade que surgiu a noção de hospitalidade como base das religiões?” (p. 10). Camargo também levanta um ponto importante não abordado pelo autor que é a existência da hostilidade do anfitrião presente em inúmeras narrativas bíblicas, dentre elas, a narrativa da Dádiva do Éden onde a máxima da hospitalidade é colocada em jogo, Deus como anfitrião e Adão e Eva os hóspedes que burlam as regras estabelecidas entre as partes.

O primeiro capítulo tem como título *Sinopse* e trata da relação entre o turismo e as religiões, porém como o próprio Prof. Panosso Netto ressalta na primeira nota de rodapé a essência do trabalho de Tomillo Noguero é a “[...] compreensão do fenômeno da hospitalidade por meio de textos bíblicos e por conceitos dados pelas grandes religiões [...]”.

O capítulo destaca sete pontos fundamentais para a relação turismo/hospitalidade *versus* religião, sendo eles: 1- a *divindade*, tomando os deuses como viajantes ou hóspedes, ora anfitriões, guias ou padroeiros; 2- o *templo ou seus anexos*, que servem como casas de hospedagem, refeição, higiene, descanso ou celebrações; 3- o *recebimento ou não de estrangeiros*; 4- *livros sagrados* como tratados da hospitalidade; 5- a *hospitalidade como obrigação primordial*, geralmente merecedora das máximas recompensas divinas e a inospitalidade como merecedora da ira de Deus; 6- a *viagem*, que se converte em certas religiões num êxodo, exílio, uma peregrinação e uma

⁴ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e professor do Programa de Pós-Graduação em Turismo da EACH-USP.

benção divina; 7- quando “o além” é descrito como um autêntico super-hotel paradisíaco.

O segundo capítulo sob o título *Crenças e Atitudes* analisa a hospitalidade nas crenças e atitudes em diferentes religiões e que estas geralmente se misturam, como é o exemplo do Antigo Testamento e Alcorão onde Deus é o Anfitrião e o Novo Testamento tendo Deus como hóspede. O texto ainda traz a importância da hospitalidade nas religiões como a passagem do Tratado Shabat (127a) e Tratado Shebuot (IV, 35b) de origem judaica: “A hospitalidade deve prevalecer sobre a oração e sobrepujar a presença de Deus, é preferível fazer Deus esperar do que deixar de receber ao hóspede com diligência” (p. 32).

Na primeira parte sobre As Grandes Religiões, o terceiro capítulo intitulado *O Inimigo* discute a acolhida ao inimigo como dádiva. “[...] Como a inospitalidade ao inimigo é compreensível, a hospitalidade a ele nos resulta admirável” (p. 36). O texto é composto por diversos exemplos de povos que praticavam a hospitalidade com o seu inimigo, como os gregos de Mégara que hospedavam seus ex-prisioneiros de guerra e os berberes islâmicos que davam hospitalidade às tropas inimigas depois de uma batalha. Porém, de modo geral, nas sociedades foi proibido acolher ao inimigo. O último capítulo da primeira parte do livro chama-se *O Estrangeiro* e discute como a recepção ao estrangeiro mede a hospitalidade de um povo, ou seja, como destaca o autor “ao estranho que não é inimigo e cuja natureza não se ajusta com parâmetros de identidade do grupo receptor” (p. 41). O autor ressalta três eventos quanto ao recebimento desse estrangeiro: 1- a *negação*, que existe quando o indivíduo ou sociedade são hostis à viagem ou à hospitalidade; 2- a *discriminação*, quando as relações são desiguais, restritivas e excludentes e; 3- a *indiscriminação*, quando ao contrário do grupo discriminante, o núcleo receptor se abre à integração dos homens, como são os casos das cidades de Ur, Nippur e Susa na Mesopotâmia.

É importante destacar algumas passagens do capítulo como as origens do hospital em sociedades indiscriminantes:

As primeiras coletividades que percebem a necessidade de ajudar caritativamente e hospitalarmente o enfermo foram indiscriminantes. Graças à sensibilidade acumulada pelas instituições sociais dedicadas ao viajante, se estende o tratamento assistencial ao enfermo. “Hospital” termo aceito quase universalmente, funda suas raízes na palavra latina *hospitium*, cujo significado original é hospedagem ao viajante. [...] (p. 48).

O autor finaliza o capítulo com a frase grega “o amor aos estrangeiros é a causa e efeito da reação criativa, reunião e retorno ao estado inicial da humanidade” (p. 52) que segundo explicação na nota de rodapé, crê ser o dilema e a mãe de todos os argumentos, o que causa a desunião ou a paz por meio da hospitalidade.

A segunda parte do livro discorre sobre a Bíblia e os preceitos de hospitalidade nela impressos desde o Antigo até o Novo Testamento. É importante ressaltar que a pesquisa do professor Tomillo Noguero tem como intuito analisar como a hospitalidade, ou mesmo a inospitalidade, aparece nas passagens bíblicas sem julgamentos de outros valores.

O quinto capítulo tem como título *Antigo Testamento* e analisa os preceitos da Aliança de Deus e os homens e a Lei da Hospitalidade, apresentando como um primeiro exemplo a Aliança firmada entre Deus e Abraão. A Aliança estabelecida entre as partes é um pacto de hospitalidade através do qual os homens se comprometem a realizar boas ações para com seus irmãos, por meio do “bem receber”, e Deus, em contrapartida, se compromete a prestar hospitalidade aos homens quando estes chegarem a morada eterna.

Neste capítulo também são apresentados alguns atributos dados a Deus enquanto de sua “visita” aos homens na Terra, aos quais o autor intitula como “adjetivos turísticos” de Deus, pois ele aparece também no papel de guia, protetor, hospedeiro, hospitaleiro, restaurador, viajante, hóspede e comensal. Ressalta-se que tanto no Antigo Testamento quanto no *Toledoth*⁵ nota-se uma simpatia pelo nomadismo frente ao sedentarismo, o que coloca Abraão como estrangeiro e hóspede e Deus passa a ser seu Anfitrião, tendo então que acatar as normas de funcionamento da Grande Hospedaria que é a Terra Prometida.

⁵ Pequenas histórias que formam as Sagradas Escrituras.

Como ponto importante do livro, talvez o mais relevante aos estudiosos da hospitalidade, o autor apresenta e analisa as normas dadas pela Lei da Hospitalidade (expressão criada por comentaristas bíblicos) que, segundo ele, certamente foi fundamentada antes dos 10 Mandamentos e pode ser datada no ano 2000 a.C. da literatura Egípcia, não tendo outra obra tão amplamente desenvolvida como esta lei. As normas têm caráter religioso, moral e jurídico, portanto do ponto de vista jurídico, segundo o autor, esta é a Lei de maior vigência da história e o regulamento hospitaleiro mais antigo do mundo. Segundo o autor essas disposições estabelecem:

[...] que tanto os indivíduos como as comunidades (nômades ou sedentárias) às quais pertencem, tem sempre a obrigação (jurídica e religiosa) de receber gratuitamente, a todos os viajantes, sem exceção, compreendendo, por conseguinte, não somente aos próximos, senão também aos desconhecidos, incluídos aqueles com os quais se encontram elementos de identidade em comum, tendo que oferecer proteção e, de acordo com as circunstâncias, manutenção, hospedagem, e ajuda para viagem, e celebrar uma Aliança, se for possível, tudo isso para que os hóspedes de deleitem, durante sua estadia, que será de três dias, no máximo (p. 61).

Todavia a negação à hospitalidade se constitui em delito e a recusa só pode acontecer quando o hóspede se configura numa ameaça ao anfitrião. A hospitalidade tem caráter de obrigação religiosa nas passagens bíblicas e no Alcorão e oferece recompensas e castigos divinos aos que a praticam ou deixam de praticar. Tomillo Noguero ressalta que o povo beduíno (com os quais teve contato em 1985) são os melhores intérpretes da Lei, pois “são capazes de arruinarem-se, mas nem por isso deixam de acolher o viajante” (p. 66-67).

São apresentados também os componentes que integram a hospitalidade, como os banquetes oferecidos pelo anfitrião, o lava-pés e o cuidado dos animais do hóspede, alojamentos diferentes aos do anfitrião como tendas especialmente montadas aos hóspedes e para que haja a aliança entre as partes o anfitrião deve ter animais em condições para serem sacrificados. Ainda, distinguem-se dois tipos de aliança: 1- a de sangue e 2- a de nome e de sangue, sendo o hóspede livre para aceitar ou rejeitar a proposta de seu anfitrião.

Portanto, para o autor, a hospitalidade no Antigo Testamento comporta-se como um serviço público ao qual o anfitrião recebe “benefícios fiscais”, pois desenvolve um trabalho assistencial e benéfico a toda sociedade podendo deduzir daquilo que ofereceria a Deus. Acrescenta-se também que a hospitalidade ao estrangeiro “se configura como ferramenta essencial no projeto de unir homem com homem e unir homem com Deus (p. 77)” pois Deus quer que se viva a fraternidade universal entre os povos.

Neste quinto capítulo são apresentados quatro tipos de hóspedes que estão no Antigo Testamento: os próximos, os pobres, os peregrinos e os estrangeiros. Os próximos recebem a hospitalidade do anfitrião por serem pares ou semelhantes a este, e o anfitrião adota a forma de intercâmbio como retribuição da visita. O acolhimento aos hóspedes pobres são uma oportunidade ao recebimento das bênçãos divinas pois “o que mais irrita a Deus e inflama sua cólera é a injustiça para com o fraco”. Os hóspedes peregrinos estão ligados à viagem e as demais ações turísticas, ao “[...] deslocamento em benefício próprio ou de outro, a lugares santos ou mágicos, para buscar a saúde corporal ou espiritual, ou para agradecer a graça, ou a solução de problemas materiais” (p. 82).

O autor também analisa a passagem bíblica de Sodoma e Ló, na qual as cidades de Sodoma, Gomorra, Adama, Seboyim e Zoar violam as condições do estrangeiro como pessoa sagrada e sofrem as consequências da ira de Deus, tendo somente na família de Ló a exceção, pois é uma família hospitaleira e seus hóspedes - que eram anjos - aplicam o castigo divino àqueles que não praticaram o bem para com o estrangeiro.

Concluindo o capítulo, o autor apresenta as estadias de Deus presentes ao longo do Antigo Testamento e como os templos, altares, cavernas, lugares hierofânicos e santuários serviram e ainda servem como estadia aos viajantes e fiéis e Deus como o anfitrião em todas suas “moradas terrenas”.

O capítulo final tem como título *Novo Testamento* e discorre sobre as passagens bíblicas após o nascimento do Filho de Deus: Jesus, que habita a Terra para a salvação dos homens, tendo estes agora o papel de anfitrião. Portanto, Deus (na figura de Jesus e na figura do amor ao próximo, hospitalidade para com o próximo) é seu hóspede pois “seu reino não é deste mundo” e “não tem onde reclinar a cabeça”.

Entende-se que o homem é anfitrião, pois Deus pode se apresentar na pele de diferentes figuras (hóspedes) e assim testar a dignidade dos homens para habitarem o reino dos céus. Deus pode configurar-se num estrangeiro, num pobre, ou mesmo nos pares do anfitrião, recompensando assim as pessoas que praticam a hospitalidade e em contrapartida a inospitalidade deve receber o castigo divino.

O autor comenta que durante a segunda fase do cristianismo quando o Evangelho havia alcançado certa difusão, a hospitalidade toma certo caráter meramente humanitário e o templo não é mais hospedaria celestial pois a fraternidade entre o homem e Cristo se dá através do Espírito e graças a este os homens já não são estrangeiros e hóspedes e sim familiares de Deus e têm direito ao reino dos céus.

A hospitalidade, segundo Tomillo Noguero, ocupa lugar preferencial na hierarquia cristã de valores, pois era através dos viajantes que a “Boa Nova” se propagava enquanto ainda não se tinha os Evangelhos escritos. Mais importante que a hospitalidade é somente a fé e a forma mais eficaz de propagar a fé é através da hospitalidade.

Durante sua vida pública Jesus sofreu e ainda sofre a inospitalidade tendo sido lhe negado estadia ou acolhimento em diversas passagens bíblicas; em contrapartida, Jesus também goza da hospitalidade e quando a tem usa-a para propagar sua doutrina e seus ensinamentos.

Na passagem da Última Ceia, Jesus assume tanto o papel de anfitrião quanto o de hóspede, pois recebe seus discípulos para um banquete e ao mesmo tempo é recebido na casa da mãe de Marcos onde aconteceria a ceia. Na concepção do autor a casa da mãe de Marcos seria uma hospedaria, pois as palavras *katályma* e *katalýó*, que aparecem de forma recorrente na bíblia, significam hospedaria e hospedar, respectivamente. O autor elenca a partir daí alguns exemplos do porque ser uma hospedaria e não uma simples casa.

Tomillo Noguero finaliza o texto com as palavras de Jesus durante o lava-pés da Santa Ceia: “Quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou.”

A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões é uma obra que oferece a oportunidade de questionarmos os sentidos da hospitalidade na atualidade através de recortes do passado. A análise bíblica minuciosa do professor Tomillo Noguero e a contribuição das notas explicativas do professor Panosso Netto, tornam a leitura um ato de reconhecimento da história e da importância da hospitalidade gratuita. O leitor que não tem familiaridade com os temas religiosos pode encontrar alguma dificuldade no reconhecimento das passagens apresentadas no livro, para tanto as notas explicativas são de suma importância e o leitor também pode recorrer à própria Bíblia para um maior entendimento, sem que se perca a importância desta grande análise documental feita pelo autor.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 06. jun. 2019

Aprovação Final: 11. jul. 2019

Referência (NBR 6023/2002)

TOMILLO NOGUERO, Félix. *A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões*. Resenha de: SANTOS, Nathália Paschoalique dos. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 8, n. 1, p. 143-151, jan./jun. 2019.